



Estrutura e evolução do emprego formal no RS e suas Regiões Funcionais (2003-17)

O emprego formal — fundamentalmente o trabalho assalariado com carteira assinada em empresas privadas e o emprego no setor público — constitui a modalidade mais típica e também a mais protegida, institucionalmente, de ocupação da força de trabalho. No Brasil, historicamente, barreiras estruturais e socioinstitucionais tornam lenta e parcial a difusão dessa forma de inserção no mercado de trabalho, cuja evolução responde ainda, muito claramente, aos movimentos conjunturais da atividade econômica.

Com isso, uma análise do mercado de trabalho restrita aos dados do emprego formal, como a aqui apresentada, é assumidamente parcial. Tem, por outro lado, a vantagem de focar o segmento da ocupação mais diretamente articulado com o núcleo dinâmico de uma economia nacional ou regional.

Neste texto, apresentam-se e analisam-se alguns indicadores relativos ao emprego formal no Rio Grande do Sul, entre 2003 e 2017, produzidos a partir das bases de dados do Ministério do Trabalho (hoje Secretaria de Trabalho do Ministério da Economia). São elas: a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), de periodicidade anual (e maior precisão estatística), e o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged). Ambas coligem registros administrativos remetidos ao poder público, por força de lei, pelos empregadores do País.

Nesta análise, adota-se a regionalização do Rio Grande do Sul em nove Regiões Funcionais (RFs), procurando-se verificar as especificidades estruturais e dinâmicas, do ponto de vista do emprego, nas diferentes porções do Estado.

Tabela 1

Número de empregos formais no Rio Grande do Sul — 2003, 2014 e 2017

SETORES DO IBGE	NÚMERO DE EMPREGOS			VARIÇÃO %		
	2003	2014	2017	2003-14	2014-17	2003-17
Extrativa mineral	4.468	7.317	6.015	64	-18	35
Indústria de transformação (IT)	571.796	730.738	633.345	28	-13	11
Serviços industriais de utilidade pública (SIUP)	21.673	30.427	25.899	40	-15	19
Construção civil	69.987	140.290	104.250	100	-26	49
Comércio	365.862	641.869	616.598	75	-4	69
Serviços	575.930	1.006.421	984.160	75	-2	71
Administração pública	397.872	470.355	447.418	18	-5	12
Agropecuária	72.225	81.762	84.688	13	4	17
Total	2.079.813	3.109.179	2.902.373	49	-7	40

Fonte: RAIS.



A série da RAIS mostra um crescimento constante — ainda que com cadências variáveis — do emprego formal no Rio Grande do Sul, nos 12 primeiros anos de 15 considerados. Entre 2003 e 2014, intervalo de contínuo crescimento no qual se chegou a falar em pleno emprego na economia brasileira, o Estado gerou 1 milhão de postos com registro, uma expansão de quase 50% no contingente. No período, a população em idade ativa (PIA)¹ gaúcha cresceu 13,5%, o que sinaliza o impacto qualitativo dessa elevação, muito superior, do número de vínculos formais de trabalho.

Dos setores principais, do ponto de vista de volume de emprego, ainda entre 2003 e 2014, a construção civil nada menos do que duplicou sua força de trabalho formalizada; tanto serviços quanto comércio lograram aumentos de 75%; a indústria de transformação teve seu crescimento restrito a 27,8%, e a administração pública limitou-se a 18,2%. Frise-se que a agropecuária, setor de importância crucial para a economia e para a ocupação da força de trabalho no Estado, não tem representatividade significativa na estrutura do emprego formal, devido ao peso do trabalho familiar e de relações informais de trabalho. O crescimento apurado pela RAIS para esse setor, no período, foi de 13,2%². Também de 2003 a 2014, 10 dos 12 subsetores da indústria de transformação gaúcha tiveram crescimento. As exceções, no entanto, são analiticamente relevantes: o subsetor borracha, fumo e couros, que, no início da série, detinha 8,4% do emprego formal da IT gaúcha, terminou esse ciclo com perda de 2,6% de seu estoque (cerca de 1,2 mil postos). A outra retração foi bem mais drástica e ocorreu no subsetor mais relevante para o emprego: calçados, que detinha 22,6% dos postos industriais em 2003 e eliminou 27,5 mil vínculos nesses 11 anos (-21,2%). Quanto aos melhores desempenhos relativos, ressaltam-se material de transporte, com uma expansão de 114,6% (32 mil postos), e mecânica (33,6 mil empregos, variação de 72,3%). O subsetor de alimentos e bebidas, que só perdia para calçados, em 2003, no número de vínculos, chegou a 2014 com um acréscimo de 49,4 mil trabalhadores (49,3%).

Esse ciclo expansivo do mercado de trabalho associou-se a um período inequivocamente dinâmico das economias brasileira e gaúcha, sem que qualquer um dos anos registrasse baixa no volume de emprego nacional ou estadual. O arrefecimento e a reversão dessa tendência já se faziam perceber em uma pluralidade de indicadores econômicos a partir de 2013, ou mesmo antes, mas só se materializaram em retração do emprego formal, no Rio Grande do Sul, em 2015. Nesse, e nos dois anos seguintes, o mercado de trabalho encolheu em números absolutos. No acumulado dos três últimos anos medidos, o Estado perdeu 206 mil vínculos de emprego, um recuo de 6,7%, enquanto a PIA passou por um incremento de mais 2,5%. Só a indústria de transformação eliminou 97,4 mil (-13,3%); a construção

¹ A fonte dos dados referentes à PIA são as Estimativas Populacionais da FEE. Devido à revisão metodológica de 2018, recálculos foram aplicados retroativamente às séries. Pela mesma razão, ainda não há uma série metodologicamente compatível para todo o intervalo 2003-17. Para os dois subperíodos aqui analisados, no entanto, havia suporte para verificar as variações, levando à opção pelo uso da revisão de 2015 para o período 2003-14, enquanto os anos de 2014 a 2017 são analisados com o uso da revisão 2018 das estimativas populacionais.

² Setores com altos níveis de informalidade podem ter seus saldos positivos mais fortemente influenciados por uma mera formalização da mão de obra, nem sempre significando a criação de postos efetivamente novos de trabalho. Ademais, o retrato da RAIS para o dia 31 de dezembro reproduz sistematicamente alguns desequilíbrios sazonais, que são ainda mais expressivos na agropecuária, de forma que nem todas as regiões e os subsetores estarão no mesmo ponto das oscilações estacionais positivas e negativas.



civil, 36 mil (-25,7%); o comércio, 25,3 mil (-3,9%); a administração pública, 22,9 mil (-4,9%); e os serviços, 22,3 mil (-2,2%).

Tabela 2

Número de empregos formais na indústria de transformação do Rio Grande do Sul — 2003, 2014 e 2017

SUBSETORES DO IBGE	NÚMERO DE EMPREGOS			VARIÇÃO %		
	2003	2014	2017	2003-14	2014-17	2003-17
Produtos minerais não metálicos	14.770	20.777	17.416	40,7	-16,2	17,9
Indústria metalúrgica	52.435	74.171	62.853	41,5	-15,3	19,9
Indústria mecânica	46.502	80.124	62.486	72,3	-22,0	34,4
Material elétrico e comunicações	13.093	19.438	15.332	48,5	-21,1	17,1
Material de transporte	28.002	60.017	40.414	114,3	-32,7	44,3
Madeira e mobiliário	46.577	59.709	50.759	28,2	-15,0	9,0
Papel, papelão, editorial e gráfica	24.977	27.935	24.349	11,8	-12,8	-2,5
Borracha, fumo, couros	47.825	46.589	40.656	-2,6	-12,7	-15,0
Indústria química	42.287	54.273	49.094	28,3	-9,5	16,1
Indústria têxtil	25.851	36.298	32.284	40,4	-11,1	24,9
Indústria calçados	129.311	101.846	91.973	-21,2	-9,7	-28,9
Alimentos e bebidas	100.166	149.561	145.729	49,3	-2,6	45,5
Total	571.796	730.738	633.345	27,8	-13,3	10,8

Fonte: RAIS.

O emprego nos 12 subsetores da IT encolheu no triênio 2014-17. A variação mais branda foi em alimentos e bebidas (-2,6%); as mais intensas, por sua vez, castigaram os setores que haviam liderado a fase expansiva: material de transporte recuou 32,7%, e mecânica, 22,0%. O setor de calçados, que já havia encolhido, perdeu mais 9,7% de sua força de trabalho formalmente empregada.

A retração de 6,7% registrada entre 2014 e 2017 fez com que o estoque de empregos formais no Estado recuasse seis anos, para os níveis verificados em 2011. A indústria de transformação — que, ao longo da série, mostrou oscilações mais acentuadas em seu desempenho — chegou ao final de 2017 com o menor contingente empregado desde 2006. A respeito desse setor, de indiscutível importância estratégica, é preciso ressaltar que, mesmo no período em que seu contingente se ampliou, em consonância com o ciclo de expansão geral, sua tendência é de perda de participação no total do emprego formal. Nos 15 anos observados, seu ponto máximo foi de 28,4% em 2004; ao final de 2017, chegou ao seu mais baixo desempenho, detendo 21,8% dos postos de trabalho registrados no Estado. Serviços e comércio, por sua vez — em que pese às oscilações de participação, especialmente do primeiro —, demonstraram nítida tendência de ganho relativo no período. Os rendimentos do empregado formal gaúcho acompanharam claramente as duas conjunturas cobertas pelo período analisado. Nos 11 primeiros anos, de aquecimento da economia, as remunerações médias no Estado acumularam 38,3% de crescimento real. No cômputo dos três anos seguintes, esse ganho se restringiu a 1,9%. No arco do período, a variação positiva atingiu 41%, e o rendimento médio situava-se em R\$ 2.828,14, ao final de 2017.³ Ainda nos anos de expansão do emprego, dentre os principais setores, foi a agropecuária a obter a elevação mais significativa de remuneração (55,4%), seguida pela construção civil (38,6%) e pela

³ Todos os valores de rendimentos e variações reais foram estimados a preços de dezembro de 2017, utilizando o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) do IBGE.



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

IT (36,0%); serviços, por sua vez, ostentaram o mais modesto crescimento (25,9%). Ainda assim, são os serviços a pagar salários médios mais altos ainda em 2017, próximos a R\$ 3 mil, seguidos pela IT, com R\$ 2,6 mil. A construção civil ultrapassou o comércio por pequena diferença (pouco acima e pouco abaixo de R\$ 2 mil respectivamente).

Tabela 3

Rendimentos médios reais em 31 de dezembro, a preços de 2017, por setor, no Rio Grande do Sul — 2003, 2014 e 2017

SETORES DO IBGE	RENDIMENTOS (R\$)			VARIÇÃO %		
	2003	2014	2017	2003-14	2014-17	2003-17
Indústria de transformação	1.928,18	2.621,71	2.563,92	36,0	-2,2	33,0
Construção civil	1.483,12	2.055,65	2.062,32	38,6	0,3	39,1
Comércio	1.435,27	1.899,53	1.962,64	32,3	3,3	36,7
Serviços	2.281,42	2.873,27	2.958,60	25,9	3,0	29,7
Agropecuária	1.123,52	1.746,02	1.901,27	55,4	8,9	69,2
Rio Grande do Sul	2.005,32	2.774,20	2.828,14	38,3	1,9	41,0

Fonte: RAIS.
Fonte: IBGE.

Quando se desagregam as remunerações conforme o grau de escolaridade dos trabalhadores, constata-se que, tomados três grandes grupos por número de anos de estudo concluídos, aquele com menos tempo de educação acumula melhores variações. O grupo com ensino fundamental completo (que inclui os indivíduos com o médio incompleto) foi o que logrou maior crescimento entre 2003 e 2014 (57,8%) e o único a não perder no triênio seguinte (0,8%), conservando 59,0% de ganho no final dos 15 anos. A variação positiva do segmento com ensino superior completo, no primeiro período, representa uma quinta parte daquela percebida no grupo anterior (11,5%). Os piores resultados, nos três recortes temporais, foram verificados para os trabalhadores com ensino médio completo (que englobam os que têm superior incompleto): avançaram 7,9% nos primeiros 11 anos de aquecimento econômico e perderam 3,5% no triênio recessivo, conservando uma escassa variação real de 4,1% no conjunto dos 15 anos. Em 2017, a faixa mais escolarizada recebia remunerações médias de R\$ 5,7 mil, ou 3,2 vezes as do segmento com até fundamental completo (R\$ 1,8 mil). Essa distância estreitou-se significativamente com relação a 2003, quando chegava a 4,6 vezes.

Tabela 4

Rendimentos médios em 31 de dezembro, a preços de 2017, por escolaridade, no Rio Grande do Sul — 2003, 2014 e 2017

NÍVEIS DE ENSINO	RENDIMENTOS (R\$)			VARIÇÃO %		
	2003	2014	2017	2003-14	2014-17	2003-17
Até fundamental completo	1.138,74	1.796,40	1.811,15	57,8	0,8	59,0
Ensino médio completo	2.167,70	2.338,44	2.257,03	7,9	-3,5	4,1
Superior completo	5.184,89	5.782,43	5.739,73	11,5	-0,7	10,7

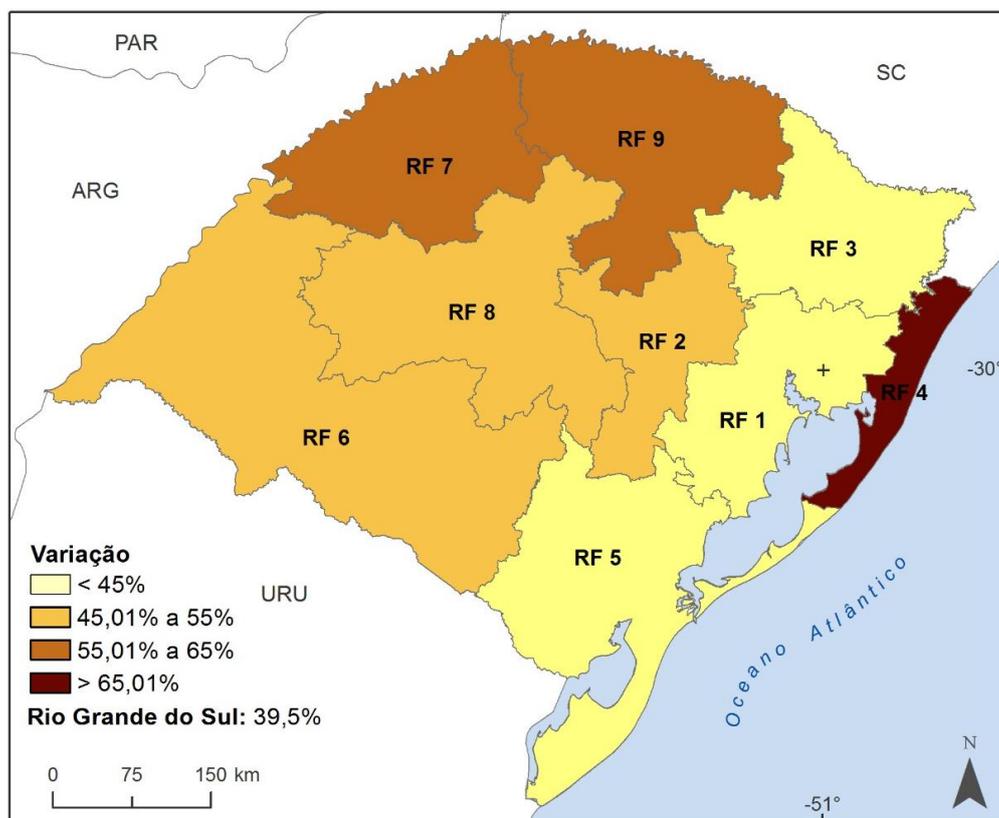
Fonte: RAIS.
Fonte: IBGE.



As Regiões Funcionais do Rio Grande do Sul, como se poderia esperar, atravessaram de modos diferenciados essas distintas conjunturas, espelhando suas especificidades produtivas, suas potencialidades e seus entraves competitivos. No Mapa 1, em uma primeira aproximação, pode-se visualizar a considerável heterogeneidade do desempenho do emprego formal nas RFs gaúchas, no acumulado de 2003 a 2017.

Mapa 1

Varição acumulada do emprego formal nas Regiões Funcionais do Rio Grande do Sul — 2003-17



Fonte: RAIS.
Fonte: MTB.

A seguir, faz-se uma breve caracterização das trajetórias e dos principais movimentos detectados no mercado de trabalho de cada uma dessas regiões.

Região Funcional 1

A região que compreende Porto Alegre e sua área metropolitana concentra cerca de metade do emprego formal do Estado, com 1,39 milhão de trabalhadores registrados ao final de 2017. Analogamente ao que, na comparação setorial, se observa com relação à indústria de transformação, aqui, da perspectiva regional, essa RF perdeu participação tendencialmente ao longo de toda a série. A RF1 partiu de uma fatia de 52,1% do emprego gaúcho em 2003 e chegou a 2014, último ano de crescimento



do emprego estadual, com 49,1%; nos três últimos anos, de retração geral, ela seguiu perdendo representatividade e atingiu seu ponto mais baixo, 47,9%, em 2017. Sua participação no mercado formal de trabalho, no entanto, mostrou-se sempre bastante superior à que detém na PIA gaúcha (próxima aos 40% ao longo da série).

A RF1 acompanhou — e, dado seu peso, foi decisiva para determinar — a expansão de empregos que o Estado apresentou de 2003 a 2014. Ampliou em 442,5 mil postos de trabalho o seu contingente nessa fase, o que equivale a um crescimento de 40,9% (inferior aos 49,5% do agregado do Estado). Nos três últimos anos observados, eliminou 134 mil empregos, uma contração de 8,8% (mais intensa do que os -6,7% do RS).

Tabela 5

Emprego total, em setores selecionados, na Região Funcional 1 do Rio Grande do Sul — 2003, 2014 e 2017

SETORES DO IBGE	NÚMERO DE EMPREGOS			VARIÇÃO %		
	2003	2014	2017	2003-14	2014-17	2003-17
Indústria de transformação	275.108	311.925	267.813	13,4	-14,1	-2,7
Comércio	162.475	270.886	254.968	66,7	-5,9	56,9
Serviços	342.048	569.302	545.392	66,4	-4,2	59,4
Administração pública	246.528	272.674	245.376	10,6	-10,0	-0,5
Total	1.082.757	1.525.323	1.391.304	40,9	-8,8	28,5

Fonte: RAIS.

Fonte: IBGE.

No período analisado, a estrutura setorial do emprego da RF1 não se distanciou muito da verificada no conjunto do Estado. As atividades de serviços tiveram uma participação ainda mais acentuada na região (39,2% *versus* 33,9% em 2017). Na indústria de transformação, empregava, proporcionalmente, um pouco menos (19,2% *versus* 21,8%), mas, assim como nos demais setores, as diferenças não ultrapassaram 3 pontos percentuais.

Observando-se o ciclo expansivo (2003-14), constata-se que a RF1 é, das nove regiões, a que logrou aumento menos expressivo do emprego na indústria de transformação (apenas 13,4%, menos da metade dos 27,8% alcançados no Estado). No período de contração (2014-17), suas perdas (-14,1%) foram próximas à do RS (-13,3%). Com isso, no arco dos 15 anos computados, apenas a RF1 chegou a 2017 com menos empregos industriais do que em 2003. São 7,3 mil vagas a menos (-2,7%), contrastando com o crescimento de 10,8% que o Estado ainda preservava no final do período para esse setor. Desvantagens da RF1 no cotejo com o agregado gaúcho verificam-se em todos esses recortes temporais também no caso de comércio, serviços e administração pública.

O desempenho modesto da IT dessa região, durante os anos de expansão geral, pode ser creditado, sem margem de dúvida, ao subsetor calçados, responsável por mais de um terço dos postos industriais da RF1 em 2003. Entre 2003 e 2014, foi o único que não apresentou expansão e, ao contrário, eliminou mais de 20% de seus vínculos (-18,9 mil postos). Nos três anos de recessão aqui cobertos pelos dados, todos os subsetores demitiram mais do que contrataram, destacando-se, pelo percentual,



mecânica (-25,7%) e material de transporte e comunicação (-23,4%). O subsetor calçados amargou a eliminação de 13,6% do contingente que lhe restava em 2014 (10,1 mil empregos dessa vez).

Os salários médios do emprego formal da RF1 superaram as médias estaduais em todos os principais setores, e, quando se considera o emprego total — afetado pela distribuição setorial do emprego, com maior ou menor participação de atividades que remuneram melhor — foi a região metropolitana a primeira colocada em rendimentos, nos três anos priorizados nesta análise, 2003, 2014 e 2017. Neste último, o trabalhador da RF1 recebia, em média, R\$ 3,2 mil, frente aos R\$ 2,8 mil apurados no total do Estado. Entretanto, da mesma forma que se observou no tocante ao volume de emprego, os salários da maior região do RS apresentaram variações negativamente diferenciadas. A RF1 foi a última colocada no ordenamento dos ganhos da fase de aquecimento da economia (31,3%, *versus* 38,3% do RS) e também no cômputo dos 15 anos (34,0% *versus* 41,0%). No triênio recessivo, teve o terceiro pior desempenho.

Esse diferencial desfavorável à RF1, na comparação inter-regional, verifica-se também na análise das remunerações por setor. Na IT, a RF1 obteve a penúltima variação na conjuntura favorável (28,6% de ganho); o mesmo ocorrendo no acumulado de 15 anos (27,0%), superando apenas, nos dois recortes, a RF4. No comércio, foi a pior colocada nesses dois tratamentos temporais; nos serviços, fechou os 15 anos com o segundo mais baixo crescimento entre as nove RFs e teve a mais forte perda no triênio recessivo.

Tabela 6

Rendimentos médios em 31 de dezembro, a preços de 2017, em setores selecionados, na Região Funcional 1 do Rio Grande do Sul — 2003, 2014 e 2017

SETORES DO IBGE	RENDIMENTOS (R\$)			VARIÇÃO %		
	2003	2014	2017	2003-14	2014-17	2003-17
Indústria de transformação	2.146,87	2.761,26	2.727,04	28,6	-1,2	27,0
Construção civil	1.551,39	2.208,89	2.208,72	42,4	0,0	42,4
Comércio	1.622,97	2.051,00	2.090,83	26,4	1,9	28,8
Serviços	2.485,77	2.997,73	3.067,06	20,6	2,3	23,4
Agropecuária	1.325,27	2.056,45	2.142,62	55,2	4,2	61,7
Total	2.412,89	3.169,33	3.232,88	31,3	2,0	34,0

Fonte: RAIS.
Fonte: IBGE.

Região Funcional 2

Na Região Funcional 2, que conjuga os Vales do Rio Pardo e do Taquari, destacam-se, pelo tamanho de seus mercados de trabalho, os Municípios de Santa Cruz do Sul, Lajeado e Venâncio Aires. Localizada a oeste da Região Metropolitana de Porto Alegre, situa-se em um ponto de transição para a região da Serra, o que contribui para seu elevado peso demográfico e econômico, sua urbanização e sua diversificação produtiva. Em 2016, 7% da população e do PIB do RS estavam localizados na RF2, que se manteve, no início e no final da série temporal analisada, como a quarta maior do Estado, em número de empregos formais (195 mil, em 2017). Acumulou, ao longo da série, um pequeno ganho de



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

participação (de 6,4% para 6,7%), por ter perdido menos empregos, proporcionalmente, que o agregado do Estado no último triênio (-2,3% *versus* -6,7%), após ter obtido avanço quase equivalente ao do RS no ciclo de crescimento (48,9% *versus* 49,5%). A PIA da região cresceu um pouco mais do que a do Estado, tanto entre 2003 e 2014 (15,2% *versus* 13,5%) quanto entre 2014 e 2017 (3,6% *versus* 2,5%). Neste último ano, a RF2 sediava 7,3% dos gaúchos em idade ativa.

A região tem a indústria de transformação como principal setor empregador (35,8% do total em 2017, muito superiores aos 21,8% registrados na média estadual). A contrapartida são menores pesos relativos, no mercado de trabalho regional, para comércio — diferença pouco expressiva — e, especialmente, para serviços e administração pública, na comparação com o parâmetro do RS. Da mesma forma que na RF1 e no conjunto do Estado, também nesta região a participação da IT no mercado de trabalho declinou de modo praticamente contínuo, perdendo 8,7 p.p. ao longo dos 15 anos analisados. Esse setor cresceu menos na RF2 do que no agregado estadual, entre 2003 e 2014 (19,8% *versus* 27,8%); porém, na vazante, teve o segundo “melhor” desempenho, entre as RFs (perdeu 2,2%, *versus* 13,3% da indústria gaúcha). Com isso, sua variação no acumulado dos 15 anos foi bem melhor do que a estadual (17,2% *versus* 10,8%). Essa vantagem se replica também no comércio (diferença suave), nos serviços e na administração pública. Neste último setor, que tem na região expressão menor do que no RS, a expansão de contingente foi de 39,1% entre 2003 e 2017 (muito acima dos 12,5% observados no Estado).

Tabela 7

Emprego total, em setores selecionados, na Região Funcional 2 do Rio Grande do Sul — 2003, 2014 e 2017

SETORES DO IBGE	NÚMERO DE EMPREGOS			VARIÇÃO %		
	2003	2014	2017	2003-14	2014-17	2003-17
Indústria de transformação	59.561	71.337	69.781	19,8	-2,2	17,2
Comércio	23.322	42.415	39.857	81,9	-6,0	70,9
Serviços	26.288	50.296	50.639	91,3	0,7	92,6
Administração pública	15.311	20.508	21.295	33,9	3,8	39,1
Total	134.073	199.631	195.061	48,9	-2,3	45,5

Fonte: RAIS.

Assim como na RF1, o subsetor industrial de calçados representava, em 2003, um terço do emprego da IT da RF2. Seguiam-se alimentos e bebidas (25,2%) e borracha, fumo e couros (14,0%). Mesmo no ciclo expansivo da economia (2003-14), também nessa região dos vales, o subsetor calçados passou por drástico encolhimento, reduzindo em nada menos do que 33,6% sua força de trabalho formal. Borracha, fumo e couros também teve recuo (-5,6%), enquanto os outros segmentos da IT atingiram expansões generalizadas. Desconsiderando-se alguns subsetores muito pequenos, destacam-se as expansões em têxtil (78,3%), metalúrgica (86,5%) e mecânica (100,4%). No triênio mais recente, diferentemente da RF1, a RF2 alcançou variação positiva de calçados (16,2%), o que influenciou decisivamente para que sua IT obtivesse o segundo desempenho menos adverso no RS entre 2014 e 2017.



O valor da remuneração média dos trabalhadores formais na RF2 encontrava-se na sétima posição entre as nove regiões em 2017, com R\$ 2,2 mil. A RF2 perdeu uma posição em relação ao início da série, ao ser a penúltima colocada na intensidade de expansão entre 2003 a 2014, com ganho real de 47,6%. Relativamente menos atingida pelos anos de crise, apresentou o quarto maior ganho real dos rendimentos médios no último triênio da série (4,5%), fechando os 15 anos, no entanto, ainda na sétima posição, com 54,3% de incremento. Nesse mesmo período, a IT da região teve o terceiro pior avanço entre as nove RFs; o mesmo se passou com os serviços. No comércio e na agropecuária, por outro lado, a RF2 obteve as terceiras melhores variações.

Tabela 8

Rendimentos médios em 31 de dezembro, a preços de 2017, em setores selecionados, na Região Funcional 2 do Rio Grande do Sul — 2003, 2014 e 2017

SETORES DO IBGE	RENDIMENTOS (R\$)			VARIÇÃO %		
	2003	2014	2017	2003-14	2014-17	2003-17
Indústria de transformação	1.557,87	2.102,22	2.129,24	34,9	1,3	36,7
Construção civil	1.317,72	1.813,32	1.914,22	37,6	5,6	45,3
Comércio	1.258,68	1.802,19	1.913,74	43,2	6,2	52,0
Serviços	1.928,68	2.326,63	2.413,84	20,6	3,7	25,2
Agropecuária	1.409,59	2.267,13	2.504,32	60,8	10,5	77,7
Total	1.456,74	2.150,26	2.247,94	47,6	4,5	54,3

Fonte: RAIS.

Fonte: IBGE.

Região Funcional 3

A Região Funcional 3 localiza-se na Serra, abrangendo Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Farroupilha como maiores polos do emprego com registro. Em 2017, concentrava 13% do mercado formal de trabalho do Estado, com 381,5 mil vínculos, só perdendo, em dimensão, para a RF1. A distribuição setorial da ocupação evidencia que a região é a mais marcadamente industrial entre as nove, superando a RF2: na RF serrana, a IT respondia por 38,9% dos postos em 2017 (não longe de dobrar os 21,8% verificados no agregado do RS). Os principais subsetores, na estrutura de 2003, eram madeira e mobiliário, metalúrgica, alimentos e bebidas e material de transporte. Seguindo-se à IT, o setor serviços ocupava 28,2% dos trabalhadores formais; na terceira posição, o comércio (17,6%). A administração pública participava com apenas 7,1% (menos da metade dos 15,4% registrados no agregado do Estado).

No ciclo de expansão (2003-14), a RF3 viu crescer em 58,5% seu contingente com vínculo formal, superando significativamente a média de 49,5% do Estado. Nos últimos três anos da série, perdeu postos com mais intensidade (-8,5% *versus* 6,7%), acumulando uma variação de 44,6% no período completo (superior à de 39,5% do RS), o equivalente a 118 mil empregos adicionais. O crescimento da PIA entre 2003 e 2014 foi de 23,6%, o segundo maior entre as RFs, superando em 10 pontos percentuais o do Estado; no triênio seguinte, também excedeu o resultado gaúcho (3,2% *versus* 2,5%).

A tendência à perda de peso relativo da IT no emprego total é reconhecível também nesta região, embora o setor preserve sua destacada liderança. Nos primeiros anos da série, essa participação



oscilou sem clara tendência, mas, a seguir, observou-se declínio e, entre 2003 e 2017, a redução foi de 8,8 p.p. (tendo partido de 47,7%). O comportamento do emprego industrial na RF3, relativamente ao verificado no RS, foi de vantagem no ciclo expansivo (42,0% de crescimento *versus* 27,8% entre 2003 e 2014) e de desvantagem na recessão (-17% *versus* -13,3%). Com isso, o acumulado dos 15 anos resultou mais favorável à região serrana (17,9% de expansão) do que ao agregado do Estado (10,8%).

Analisando-se os subsetores da IT, constata-se que, nos anos de maior dinamismo econômico, apenas calçados — que, na região, representava somente 7,1% do emprego setorial em 2003 — registrou recuo (mais brando, relativamente, que os do Estado e das RFs acima analisadas: -16,7%). Destacaram-se as ampliações de postos em mecânica (95,2%), material de transporte (80,6%) e alimentos e bebidas (65%) dentre os segmentos com mais peso na estrutura da ocupação regional. Já no ciclo recessivo, nenhum subsetor escapou, e as contrações variaram entre 29,2% em material de transporte e 10% em alimentos e bebidas.

Tabela 9

Emprego total, em setores selecionados, na Região Funcional 3 do Rio Grande do Sul — 2003, 2014 e 2017

SETORES DO IBGE	NÚMERO DE EMPREGOS			VARIÇÃO %		
	2003	2014	2017	2003-14	2014-17	2003-17
Indústria de transformação	125.931	178.874	148.494	42,0	-17,0	17,9
Comércio	37.371	67.775	67.059	81,4	-1,1	79,4
Serviços	59.259	108.014	107.547	82,3	-0,4	81,5
Administração pública	18.071	26.130	27.239	44,6	4,2	50,7
Total	263.798	416.861	381.526	58,0	-8,5	44,6

Fonte: RAIS.

Em 2003 e 2014, os rendimentos médios na RF3 só perdiam para os da RF1. Em 2017, a região estava em terceiro lugar, ultrapassada pela RF5. Na conjuntura de aquecimento da atividade, o aumento das remunerações na RF3 ficou em quinta posição entre as RFs (50,3%), ao passo que, no triênio de retração, seu desempenho foi o pior, sendo o único com perda real (-0,3%). No total, fechou os 15 anos com uma variação que só ultrapassava a da RF1 (49,9% *versus* 34,0%). A indústria de transformação da região serrana era a que melhor pagava em 2003 e em 2017. Em 2014, mesmo tendo tido a terceira maior elevação de rendimentos no setor, foi superada, temporariamente, pela RF5 (que vinha de um crescimento espetacular de 127,8% no período). No arco temporal completo, ficou com a quarta melhor variação (40,1%, *versus* 33,0% do RS). Nos serviços, alcançou a mesma posição, com 34,0% (*versus* 29,7% do Estado). Saiu-se menos bem no comércio (terceiro menor crescimento dos rendimentos) e, especialmente, na construção civil, com o menor ganho acumulado das nove RFs (11,9% frente aos 39,1% do agregado estadual). Foi a última colocada, também, na agropecuária.



Tabela 10

Rendimentos médios em 31 de dezembro, a preços de 2017, em setores selecionados, na Região Funcional 3 do Rio Grande do Sul — 2003, 2014 e 2017

SETORES DO IBGE	RENDIMENTOS (R\$)			VARIÇÃO %		
	2003	2014	2017	2003-14	2014-17	2003-17
Indústria de transformação	2.021,59	2.884,92	2.833,07	42,7	-1,8	40,1
Construção civil	1.874,70	2.129,75	2.096,94	13,6	-1,5	11,9
Comércio	1.508,59	2.100,94	2.112,05	39,3	0,5	40,0
Serviços	2.059,32	2.683,39	2.759,31	30,3	2,8	34,0
Agropecuária	1.173,37	1.619,77	1.722,87	38,0	6,4	46,8
Total	1.791,99	2.693,90	2.685,95	50,3	-0,3	49,9

Fonte: RAIS.
Fonte: IBGE.

Região Funcional 4

Integrada apenas pelos 21 municípios do Conselho Regional de Desenvolvimento (Corede) Litoral, essa região tem como principais centros de geração de emprego formal as maiores cidades da costa norte (Capão da Canoa, Torres e Tramandaí) e Osório. É a RF com menor participação no mercado de trabalho gaúcho, sediando apenas 2,4% dos postos ao final de 2017. Ainda assim, é marcante o seu crescimento ao longo da série analisada: em 2003, ela respondia por apenas 1,7% do emprego formal gaúcho, e seu ganho de representatividade foi contínuo nesses 15 anos. A expansão de sua população em idade ativa reflete a tendência do mercado de trabalho, sugerindo o papel da migração na configuração de tal dinâmica. Entre 2003 e 2014, a PIA do Litoral Norte aumentou 30,9%, bem mais do que o dobro dos 13,5% do RS. No triênio seguinte, a diferença chegava a ser, relativamente, superior: 7,3% *versus* 2,5%. Em ambos os períodos, a RF foi líder isolada nessa variação. Sua PIA seguiu sendo a menor do Estado, mas a participação da região avançou de 2,3% para 2,7% nesses 15 anos considerados.

A região foi a que maiores percentuais de crescimento do emprego obteve, tanto no período de expansão generalizada (94,9% entre 2003 e 2014, quase o dobro dos 49,5% do Estado) quanto no acumulado dos 15 anos, já considerados os três anos recessivos. Nesse “ponta a ponta”, ela mais do que duplicou o percentual do Rio Grande do Sul, computando um acréscimo de 92,3% contra 39,5%.

Fortemente terciária, a RF4 concentra 83% dos seus trabalhadores entre comércio (33,7%), serviços (28,8%) e administração pública (20,5%)⁴. O primeiro e o terceiro desses setores atingem, nesta região, suas mais altas participações no emprego total, consideradas as nove RFs. Justamente nessas atividades o emprego no Litoral Norte obteve desempenhos muito positivamente diferenciados. Na administração pública, atingiu 62,5% de expansão entre 2003 e 2017, o mais elevado das RFs, frente aos 12,5% do Estado; no comércio, 123,0% (*versus* 68,5%); nos serviços, 133,8% (*versus* 70,9%). Mesmo

⁴ Deve-se levar em conta que, por se tratar de uma região de forte migração temporária em época de veraneio, quando a população flutuante chega a duplicar o contingente de residentes permanentes, o retrato do mercado de trabalho litorâneo em 31 de dezembro sempre estará refletindo o efeito sazonal de grande expansão do comércio e dos serviços, superestimando o seu peso relativo na estrutura produtiva local. Mais detalhes podem ser encontrados em **Estimativas para a população flutuante do Litoral Norte do RS** (ZUANAZZI; BARTELS, 2016).



na indústria de transformação, que respondia por apenas 9,1% do emprego da RF em 2017, a evolução foi amplamente mais favorável do que no RS: o contingente cresceu 36,4%, mais do que o triplo dos 10,8% da IT gaúcha.

Nessa modesta estrutura industrial, chama atenção a evolução do subsetor calçados, que contraria a dinâmica do Estado e das principais Regiões Funcionais. No Litoral Norte, o emprego nessas atividades cresceu 27,5% entre 2003 e 2014, enquanto o agregado do RS perdia 21,2%; no triênio recessivo, a RF4 logrou uma variação pequena, mas positiva (2,8%), quando o subsetor se contraiu mais 9,7%. Vale lembrar que a dimensão desse subsetor na RF4 é muito pequena: em 2017, restringia-se a 2,4 mil empregos, enquanto, no Estado, somente a perda, entre 2003 e 2017, foi de 37,3 mil. A participação de calçados no emprego industrial da região litorânea, ademais, praticamente não se alterou no arco temporal analisado: era de 40,6% em 2003 e de 39,0% em 2017, ao passo que, no Estado, recuou de 22,6% para 14,5%.

Tabela 11

Emprego total, em setores selecionados, na Região Funcional 4 do Rio Grande do Sul — 2003, 2014 e 2017

SETORES DO IBGE	NÚMERO DE EMPREGOS			VARIÇÃO %		
	2003	2014	2017	2003-14	2014-17	2003-17
Indústria de transformação	4.551	6.552	6.208	44,0	-5,3	36,4
Comércio	10.350	23.341	23.080	125,5	-1,1	123,0
Serviços	8.421	19.142	19.685	127,3	2,8	133,8
Administração pública	8.632	13.560	14.027	57,1	3,4	62,5
Total	35.602	69.401	68.448	94,9	-1,4	92,3

Fonte: RAIS.

O dinamismo da região na geração de postos formais não se refletiu nos rendimentos médios dos trabalhadores. A RF4 é a que paga menos, dentre as nove, nos três pontos do tempo aqui destacados. Em 2017, o diferencial frente à média do Estado era de 27% (R\$ 2 mil *versus* R\$ 2,8 mil), um pouco menos acentuado do que em 2003, quando era de 35%. No primeiro período analisado (2003 a 2014), o avanço no rendimento da região foi o terceiro menor (48,8%); na fase de refluxo, entretanto, ela obteve o melhor resultado (avançando 6,3%). No arco dos 15 anos, a RF4 ficou com uma performance intermediária, tendo sido a quinta variação entre as nove (58,1% de aumento). Nesse mesmo recorte de tempo, a IT da região foi a última colocada em avanços de remuneração; a agropecuária ficou em oitavo lugar. Já no comércio, a região litorânea conquistou a mais expressiva expansão do rendimento dentre as nove (55,3%). A evolução nos serviços ficou em uma zona intermediária (quinta posição).



Tabela 12

Rendimentos médios em 31 de dezembro, a preços de 2017, em setores selecionados, na Região Funcional 4 do Rio Grande do Sul — 2003, 2014 e 2017

SETORES DO IBGE	RENDIMENTOS (R\$)			VARIÇÃO %		
	2003	2014	2017	2003-14	2014-17	2003-17
Indústria de transformação	1.294,54	1.519,99	1.602,35	17,4	5,4	23,8
Construção civil	1.148,88	1.542,50	1.597,12	34,3	3,5	39,0
Comércio	1.101,38	1.617,02	1.710,36	46,8	5,8	55,3
Serviços	1.546,13	1.988,73	2.039,95	28,6	2,6	31,9
Agropecuária	1.212,84	1.642,57	1.789,77	35,4	9,0	47,6
Total	1.307,63	1.945,47	2.067,77	48,8	6,3	58,1

Fonte: RAIS.
Fonte: IBGE.

Região Funcional 5

Com um recorte idêntico ao do Corede Sul, que congrega 22 municípios, a RF5 concentra em Pelotas e Rio Grande 73% do seu contingente formalmente empregado. Ao todo, ela computava 163 mil trabalhadores registrados ao final de 2017, 5,6% do total estadual. Nesse ano, detinha 7,5% da PIA gaúcha.

A distribuição setorial do emprego na região não contrasta muito com a do agregado do Estado, salvo no peso da IT, o qual, na RF5, se restringia a 11,6% em 2017 (*versus* 21,8% no RS). Esses 10 pontos percentuais de diferença são fracionados entre os outros setores da economia regional. A agropecuária, no sul, fica com 6%, mais do que o dobro dos 2,9% verificados no mercado gaúcho, mas, ainda assim, o setor é pouco expressivo nesse universo do emprego formalizado coberto pela RAIS.

A RF5 acumulou, na série de 15 anos, desempenho pouco superior ao do agregado estadual, mas se observa um contraste ainda mais drástico, no nível regional, entre as duas grandes conjunturas que aqui estão sendo consideradas. No período de dinamismo econômico (2003 a 2014), a RF5 logrou um crescimento 10 pontos percentuais superior ao do RS (59,1% *versus* 49,5%); por outro lado, quando o refluxo se instalou (2014-17), perdeu 9,6%, bem mais do que os 6,7% do Estado. No cômputo geral, terminou os 15 anos com variação de 43,9%, frente aos 39,5% do mercado formal gaúcho. Curiosamente, a PIA da RF5 ostenta um crescimento inferior ao do agregado estadual, na conjuntura de dinamização (10,6% *versus* 13,5%). Na fase de retração, mais uma vez, sua variação populacional foi inferior (1,8% *versus* 2,5%).



Tabela 13

Emprego total, em setores selecionados, na Região Funcional 5 do Rio Grande do Sul — 2003, 2014 e 2017

SETORES DO IBGE	NÚMERO DE EMPREGOS			VARIÇÃO %		
	2003	2014	2017	2003-14	2014-17	2003-17
Indústria de transformação	16.983	27.951	18.871	64,6	-32,5	11,1
Comércio	23.686	42.994	41.374	81,5	-3,8	74,7
Serviços	34.235	63.371	60.144	85,1	-5,1	75,7
Administração pública	25.277	26.275	26.463	3,9	0,7	4,7
Total	113.258	180.248	162.995	59,1	-9,6	43,9

Fonte: RAIS.

A inversão de cenários, entre as duas conjunturas econômicas, assume sua dimensão máxima no caso da indústria de transformação da RF5: nela, a região teve o mais destacado desempenho, dentre as nove, atingindo um crescimento de 64,6% entre 2003 e 2014, bem mais do que o dobro dos 27,8% do Estado. Subsetores virtualmente novos se implantam na acanhada estrutura industrial regional, como é o caso de material de transportes, que, em 2003, representava 1% do setor na RF5 (com 163 postos) e, em 2014, atingia 30,6%, empregando 8,6 mil trabalhadores formais. As (pequenas) estruturas de metalurgia e química expandiram-se 231,2% e 114,0% respectivamente. Já no triênio seguinte, a região perdeu praticamente um terço dos seus empregos industriais (-32,5%), desastre bem mais agudo do que os já elevados 13,3% perdidos no agregado gaúcho, e o mais intenso dentre as nove RFs. Somente o subsector material de transportes cortou, nesses três anos, nada menos do que 70% da força de trabalho que empregava em 2014. Computados esses movimentos mais extremados da região, em sentidos opostos, a variação da indústria de transformação no arco dos 15 anos ficou muito semelhante à do Estado: 11,1% e 10,8% respectivamente. Essa é, com toda a plausibilidade, a síntese estatística da gênese e da violenta reversão de expectativas em torno do projeto do Polo Naval de Rio Grande. Nos demais, dentre os principais setores, as variações acumuladas mostram suave superioridade da RF5 nessa análise de todo o período.

A remuneração média da RF5 era a terceira maior em 2003; em 2014 e em 2017, encontrava-se na segunda posição, atrás apenas da RF1. Assim como na variação do número de empregos, as folhas de pagamento tiveram trajetórias especialmente contrastantes entre os dois períodos: no ciclo de expansão, a RF5 foi líder no crescimento das remunerações, com 71,2% (bem à frente dos 55,6% da RF8, segunda colocada, e dos 38,3% do RS); no triênio recessivo, o avanço foi o segundo mais modesto do Estado (superando somente a RF3). Ele não impediu, entretanto, que a RF5 terminasse o período de 15 anos com a maior variação nos rendimentos (73,5%). Esse acumulado favorável se repetiu, dando à região sulina a primeira posição, em intensidade de ganhos de remuneração, com percentuais muito positivamente diferenciados nos importantes setores da IT (86,0%) e dos serviços (88,2%); e a segunda no comércio, na construção civil e na agropecuária.



Tabela 14

Rendimentos médios em 31 de dezembro, a preços de 2017, em setores selecionados, na Região Funcional 5 do Rio Grande do Sul — 2003, 2014 e 2017

SETORES DO IBGE	RENDIMENTOS (R\$)			VARIÇÃO %		
	2003	2014	2017	2003-14	2014-17	2003-17
Indústria de transformação	1.424,97	3.245,84	2.650,91	127,8	-18,3	86,0
Construção civil	1.162,74	2.066,60	1.837,47	77,7	-11,1	58,0
Comércio	1.130,22	1.626,21	1.744,82	43,9	7,3	54,4
Serviços	1.949,82	3.458,30	3.670,46	77,4	6,1	88,2
Agropecuária	1.104,85	1.795,43	1.965,81	62,5	9,5	77,9
Total	1.610,58	2.757,72	2.793,57	71,2	1,3	73,5

Fonte: RAIS.

Fonte: IBGE.

Região Funcional 6

A Região Funcional 6 congrega os 20 municípios dos Coredes Fronteira Oeste e Campanha, tendo Bagé e Uruguaiana como maiores sedes. O nível de concentração interno à região é pouco acentuado na comparação, por exemplo, com a RF5: esses dois maiores mercados reuniam, em 2017, 44,7 mil dos 134,3 mil trabalhadores. Essa era, em 2017, a segunda menor RF em volume de emprego, à frente somente da RF4, apesar de sua longa extensão territorial. Sua participação no total do Estado oscilou, chegando a 2017 em 4,6%. Na PIA, a região perdeu representatividade: de 8,2% do total estadual em 2003 recuou para 7,4% em 2017, já que a variação é bem inferior, tanto entre 2003 e 2014 (5,1% *versus* 13,5%) quanto no triênio seguinte (1,0% *versus* 2,5%). Trata-se da mais baixa expansão da população em idade ativa entre as nove regiões, nos dois intervalos.

Na distribuição setorial do emprego formal, a RF6 distingue-se pelo percentual que nela atinge a agropecuária: 14,1% em 2017 (tendo partido de 20,1% em 2003), quase cinco vezes o do agregado do RS e muito distante da segunda colocada, a RF8 (6,1%). Isso indica não apenas o vigor desse setor, mas também relações de trabalho mais contratualizadas do que nas regiões em que predominam as propriedades familiares. A indústria de transformação da RF6, em contrapartida, limitava-se a 9,3% do emprego regional em 2017, menos da metade dos 21,8% verificados no Estado. O subsetor alimentos e bebidas dominava a estrutura, com peso crescente: 68,4% em 2003, 73,8% em 2014 e 77,6% em 2017.

Na variação do emprego total, a RF6 obteve resultado inferior ao do agregado do Estado entre 2003 e 2014 (45,4% *versus* 49,5%), mas enfrentou os três anos de adversidade com uma pequena variação positiva no emprego, de 1,6% — único caso dentre as nove RFs do Estado. Com isso, seu acumulado nos 15 anos atingiu 47,7%, excedendo os 39,5% do mercado gaúcho. Exceto nos serviços e na agropecuária, seus resultados, entre 2003 e 2017, superaram os do Rio Grande do Sul em todos os subsetores, sejam os pequenos extrativa mineral (114,0% *versus* 34,6%) e serviços industriais de utilidade pública (47,0% *versus* 19,5%), seja a indústria de transformação (notáveis 53,9% *versus* 10,8%). Nesse setor, assim como no emprego total, a região foi a única a enfrentar o triênio 2014-17 com osci-



lação positiva (1,0%), e nele ela tem o melhor desempenho no acumulado dos 15 anos dentre todas as RFs.

Nos serviços, a região não atingiu — (mas não ficou longe) embora a distância não tenha sido grande — a performance geral do Estado, sendo que a desvantagem se verificou no ciclo expansivo, já que, nos anos de recessão, o emprego setorial cresceu significativos 8,4% na RF6, em contraste com a queda de 2,2% apurada no RS. É nos resultados da agropecuária, tão crucial na região, que se assinala a diferença negativa mais clara: ela cresceu com metade do ímpeto entre 2003 e 2014 (6,3% *versus* 13,2%) e teve o pior resultado (e um dos dois únicos negativos), entre as RFs, no triênio seguinte (-2,3% *versus* 3,6%), já que esse setor foi a exceção isolada a ter pequena variação positiva no Estado durante a recessão. No acumulado dos 15 anos, a região fronteiriça alcançou acréscimo de apenas 3,8% nesse setor, frente aos 17,3% do Rio Grande do Sul.

Tabela 15

Emprego total, em setores selecionados, na Região Funcional 6 do Rio Grande do Sul — 2003, 2014 e 2017

SETORES DO IBGE	NÚMERO DE EMPREGOS			VARIÇÃO %		
	2003	2014	2017	2003-14	2014-17	2003-17
Indústria de transformação	8.155	12.421	12.550	52,3	1,0	53,9
Comércio	22.439	38.135	38.500	69,9	1,0	71,6
Serviços	21.432	31.995	34.694	49,3	8,4	61,9
Administração pública	17.088	23.265	23.192	36,1	-0,3	35,7
Agropecuária	18.226	19.372	18.922	6,3	-2,3	3,8
Total	90.895	132.134	134.263	45,4	1,6	47,7

Fonte: RAIS.

Sempre superando apenas a RF4, a RF6 é aquela em que a remuneração média do trabalhador formal foi a segunda mais baixa nos três anos aqui destacados. Em 2017, o valor mensal era de R\$ 2,2 mil, 22% abaixo da média estadual. No entanto, essa diferença era bem superior, de 32%, em 2003. A região teve a terceira variação mais favorável no valor das remunerações, nos três recortes temporais aqui considerados. No cômputo dos 15 anos, acumulou 61,8% de avanço real, frente aos 41,0% do RS. Em dois setores de menor expressão no emprego, agropecuária e construção civil, a RF6 obteve a liderança, entre as RFs, na elevação dos rendimentos; na indústria de transformação e no comércio, ficou com a quinta colocação; nos serviços, foi a terceira.

Tabela 16

Rendimentos médios em 31 de dezembro, a preços de 2017, em setores selecionados, na Região Funcional 6 do Rio Grande do Sul — 2003, 2014 e 2017

SETORES DO IBGE	RENDIMENTOS (R\$)			VARIÇÃO %		
	2003	2014	2017	2003-14	2014-17	2003-17
Indústria de transformação	1.427,68	2.027,85	1.987,91	42,0	-2,0	39,2
Construção civil	1.073,99	1.503,96	1.814,02	40,0	20,6	68,9
Comércio	1.159,85	1.582,52	1.672,68	36,4	5,7	44,2
Serviços	1.844,23	2.418,13	2.615,40	31,1	8,2	41,8
Agropecuária	1.014,17	1.628,60	1.807,52	60,6	11,0	78,2
Total	1.358,02	2.088,73	2.197,06	53,8	5,2	61,8

Fonte: RAIS.

Fonte: IBGE.



Região Funcional 7

Localizada na porção noroeste do Estado, essa RF tem 77 municípios, sendo, deles, os principais empregadores Ijuí, Santa Rosa e Santo Ângelo, que detinham, cada qual, cerca de 20 mil postos formais em 2017. Nesse ano, a região toda somava 158,8 mil empregos, tendo avançado de uma participação de 4,9% no mercado estadual em 2003 para 5,5%. Inversamente, seu peso na PIA é decrescente, recuando de 6,9% para 6,4% entre 2003 e 2017. No primeiro período considerado (2003-14), a PIA da RF7 teve o segundo menor crescimento (residualmente superior ao da RF6), de 5,2%. No intervalo seguinte, já superava três RFs, marcando 1,9% — abaixo dos 2,5% estaduais.

A distribuição setorial do emprego formal, em 2017, era semelhante à do RS em seu conjunto, mas com um peso superior do comércio (28,0% *versus* 21,2%), que lançou os serviços para a segunda posição (25,7% *versus* 33,9%), ficando a indústria de transformação com o terceiro lugar (20,3% *versus* 21,8%). Nos demais setores, as discrepâncias, em pontos percentuais, não são relevantes. A indústria regional tem no complexo metalmeccânico um tradicional esteio, que, no entanto, perdeu peso na estrutura: em 2003, esses dois subsetores somados respondiam por 51,6% do emprego da RF7; em 2017, a participação havia se reduzido para 37,7% — resultado condicionado mais pela metalúrgica do que pela mecânica.

A RF7 atravessou os 15 anos analisados melhor do que o agregado do Estado. O emprego formal cresceu mais na fase de expansão (60,4% *versus* 49,5%) e se retraiu menos no triênio seguinte (-2,3% *versus* -6,7%), acumulando, assim, uma variação de 56,7%, a terceira mais alta dentre as RFs, contra os 39,5% do Rio Grande do Sul. Se se desconsiderar a minúscula indústria extrativa, o Noroeste ultrapassa o desempenho gaúcho em todos os setores. A vantagem menos expressiva evidenciou-se no comércio (72,6% *versus* 68,5%); a mais relevante, dentre os principais setores, ocorreu na indústria de transformação. Neste caso, a região acumulou 37,6% de expansão (resultado inferior apenas ao da RF6), mais do que o triplo do percentual conquistado pelo RS (10,8%). Essa posição é garantida durante o ciclo de crescimento geral, quando a RF7 se sobressaiu, com o segundo melhor desempenho (56,2%, superada, neste caso, pela RF5, que chegou a 64,6%), excedendo em muito os 27,8% do Estado. Já na retração, o Noroeste padecia em intensidade semelhante (-11,9% *versus* -13,3%). No período de 2003 a 2014, o destaque, dentro da IT, foi o subsetor alimentos e bebidas, que cresceu 168,4%, gerando 6,8 mil postos. Os pequenos química e material de transporte alcançaram notáveis expansões relativas (133,2% e 227,4% respectivamente); o maior subsetor em emprego, mecânica, elevou seu contingente em 70%, enquanto metalúrgica encolheu 39,2%, um dos dois únicos desempenhos negativos. O outro ficou com calçados (apenas 1,7% da estrutura regional do emprego em 2003), que encolheu 42,8%, em consonância com o movimento dessa atividade nas principais regiões produtoras do Estado. Nos três anos seguintes, a recessão manifestou-se em praticamente todos os subseto-



res da IT da região, com exceção de alimentos e bebidas, que expandiu em 5,7% o emprego formal, e calçados, que permaneceu praticamente estável (variação de 0,7%).

Tabela 17

Emprego total, em setores selecionados, na Região Funcional 7 do Rio Grande do Sul — 2003, 2014 e 2017

SETORES DO IBGE	NÚMERO DE EMPREGOS			VARIAÇÃO %		
	2003	2014	2017	2003-14	2014-17	2003-17
Indústria de transformação	23.490	36.699	32.320	56,2	-11,9	37,6
Comércio	25.812	44.971	44.546	74,2	-0,9	72,6
Serviços	22.532	40.691	40.827	80,6	0,3	81,2
Administração pública	20.403	26.563	27.505	30,2	3,5	34,8
Total	101.331	162.538	158.834	60,4	-2,3	56,7

Fonte: RAIS.

Quanto ao valor das remunerações médias, a região manteve a quinta posição nos três pontos do tempo aqui comparados. Sua evolução não se destacou, posicionando-se em sexto lugar quanto à intensidade dos crescimentos, tanto no período de aquecimento da economia como no intervalo dos 15 anos observados. No triênio recessivo, foi a quinta colocada. Setorialmente, repetiu-se essa relativa “vantagem” da RF durante a vazante, na comparação com as outras regiões, mas, no cômputo de 2003-17, em nenhum dos setores analisados sua performance superou a quinta posição.

Tabela 18

Rendimentos médios em 31 de dezembro, a preços de 2017, em setores selecionados, na Região Funcional 7 do Rio Grande do Sul — 2003, 2014 e 2017

SETORES DO IBGE	RENDIMENTOS (R\$)			VARIAÇÃO %		
	2003	2014	2017	2003-14	2014-17	2003-17
Indústria de transformação	1.707,09	2.320,41	2.361,32	35,9	1,8	38,3
Construção civil	1.408,51	1.706,57	1.907,84	21,2	11,8	35,5
Comércio	1.293,64	1.746,88	1.853,10	35,0	6,1	43,2
Serviços	1.916,47	2.305,85	2.402,85	20,3	4,2	25,4
Agropecuária	1.066,88	1.681,09	1.825,07	57,6	8,6	71,1
Total	1.471,58	2.191,71	2.287,02	48,9	4,3	55,4

Fonte: RAIS.
Fonte: IBGE.

Região Funcional 8

Na porção central do Estado, a RF8 reúne 49 municípios, dos quais Santa Maria é o polo incontestável, concentrando 42,2% do emprego regional em 2017, com 69,2 mil dos 164 mil postos. Apenas outras duas cidades da região ultrapassavam os 10 mil empregos: Cruz Alta (13.160) e Cachoeira do Sul (15.096). A participação da RF no total do Estado cresceu de 5,2% para 5,7% de 2003 para 2017, mas o avanço configurou-se apenas a partir de 2013. Quanto à PIA, esta é mais uma região a perder peso relativo: de 7,9% do total do Estado em 2003, caiu para 7,3% em 2017. Em ambas as conjunturas tratadas, seu incremento foi bem inferior ao do agregado gaúcho (7,5%, o terceiro menor das RFs entre 2003 e 2014, e 1,4%, o segundo mais baixo, no triênio seguinte).



Nesta região, como no conjunto do RS e nas RF1 (metropolitana), RF5 (Sul) e RF9 (Norte), os serviços detinham a primeira posição na distribuição setorial do emprego em 2017 (33,6%), mas essa liderança, em alguns pontos da série, passou para o comércio. Esse, em 2017, ocupava o segundo lugar, com 27,0%. A indústria de transformação limitava-se a 13,3% em 2017 (*versus* 21,8% no Estado), um quarto lugar na RF8, superada por pouco pela administração pública (14,9%). Os principais subsetores na estrutura do emprego da IT eram, em 2003, alimentos e bebidas (25,4%), borracha, fumo e couros (18,1%) e mecânica (17,6%).

A evolução do emprego foi mais favorável na RF do que no mercado de trabalho gaúcho em seu conjunto, nos três intervalos de tempo considerados, e encerrou 2017 com uma elevação acumulada de 52,0%, frente aos 39,5% do RS. A indústria terminou a série com acréscimo de 31,9% (*versus* 10,8%), mesmo tendo sofrido queda expressiva (-9,4%, *versus* -13,3% do Estado) entre 2014 e 2017, já que, na conjuntura de dinamismo, havia avançado 45,7% (*versus* 27,8%). Durante esse ciclo expansivo, a indústria regional perdeu muitos empregos (-63,5%) naquele que era seu segundo mais importante sub-setor: borracha, fumo e couros. Já em mecânica, a expansão foi intensa (93,5%), enquanto alimentos e bebidas elevaram em 54,7% seu quadro formal. Com isso, entre 2003 e 2014, mecânica saltou da terceira para a primeira posição na estrutura. Calçados, assim como na RF4, apresentou um notável crescimento (87,1%), contrariando a tendência do RS. Nos três últimos anos medidos, de recessão, a RF8 conquistou crescimento em vários subsetores industriais, como os relevantes borracha, fumo e couros (7,1%) e alimentos e bebidas (1,6%). De menor expressão, química e material elétrico e de comunicação prosseguem sua expansão, com 11,6% e 36,0% respectivamente. Ao final de 2017, alimentos e bebidas reassumiu a primeira posição (30,3%), com mecânica pouco atrás (28,7%), enquanto borracha, fumo e couros recuou para 5,3% de participação na IT regional, superado por metalúrgica (7,0%), calçados (6,5%) e madeira e mobiliário (5,4%).

O desempenho da RF8 em serviços é destacável no acumulado de 2003 a 2017 (crescimento de 113,0%), perdendo apenas para a RF4 (133,8%), ambos muito superiores aos 70,9% do Rio Grande do Sul. A região ficou com alguma desvantagem na comparação com o agregado do Estado na construção civil, na administração pública e nos serviços industriais de utilidade pública (SIUP), praticamente igualando o resultado no comércio.

Tabela 19

Emprego total, em setores selecionados, na Região Funcional 8 do Rio Grande do Sul — 2003, 2014 e 2017

SETORES DO IBGE	NÚMERO DE EMPREGOS			VARIÇÃO %		
	2003	2014	2017	2003-14	2014-17	2003-17
Indústria de transformação	16.580	24.152	21.872	45,7	-9,4	31,9
Comércio	26.027	46.028	44.340	76,8	-3,7	70,4
Serviços	26.118	55.392	55.628	112,1	0,4	113,0
Administração pública	22.589	24.605	24.394	8,9	-0,9	8,0
Total	107.871	168.302	164.017	56,0	-2,5	52,0

Fonte: RAIS.



As remunerações médias da região mantiveram-se na quarta posição, entre as RFs, nos três anos aqui destacados. Em 2017, situavam-se em R\$ 2,6 mil. Quanto às variações alcançadas, nos três intervalos analíticos aqui trabalhados, são sempre as segundas melhores — situando-se atrás da RF5, no período 2003-14 e no cômputo dos 15 anos, e da RF4, nos três últimos anos da série. Acumulou 64,9% de elevação dos rendimentos, 58% a mais do que o resultado do agregado do Estado. Na indústria de transformação, foi a que melhor atravessou o triênio de recessão (5,8%, *versus* -2,2% do RS); e na variação dos 15 anos, ficou em segunda posição, com 67,2%, o dobro da obtida em nível estadual. Nos serviços, foi também a vice-líder nos 11 anos de expansão do emprego e na totalidade da série analisada, em que os rendimentos acumularam (repetindo o percentual da IT) 67,2%. Já no comércio, a RF8 teve a segunda pior variação, atrás apenas da RF1, com um crescimento de 36,6% nos 15 anos.

Tabela 20

Rendimentos médios em 31 de dezembro, a preços de 2017, em setores selecionados, na Região Funcional 8 do Rio Grande do Sul — 2003, 2014 e 2017

SETORES DO IBGE	RENDIMENTOS (R\$)			VARIÇÃO %		
	2003	2014	2017	2003-14	2014-17	2003-17
Indústria de transformação	1.351,62	2.136,71	2.260,21	58,1	5,8	67,2
Construção civil	1.062,92	1.560,56	1.663,27	46,8	6,6	56,5
Comércio	1.369,61	1.770,48	1.870,28	29,3	5,6	36,6
Serviços	2.036,38	3.247,58	3.404,96	59,5	4,8	67,2
Agropecuária	969,17	1.571,26	1.710,33	62,1	8,9	76,5
Total	1.604,58	2.497,27	2.646,08	55,6	6,0	64,9

Fonte: RAIS.
Fonte: IBGE.

Região Funcional 9

Detendo o maior número de municípios, 130, a RF9 tinha em Passo Fundo (59,3 mil) e Erechim (34,8 mil) os principais centros empregadores em 2017. Outros dois municípios, apenas, ultrapassavam os 10 mil postos formais: Marau e Carazinho (cerca de 14 mil cada). Ao todo, a RF detinha 245,9 mil empregos naquele ano, 8,5% do total do Estado, sendo a terceira maior, atrás da Região Metropolitana (RF1) e da Serra (RF3). Essa participação cresceu continuamente ao longo da série, tendo partido de 7,2% em 2003. Já na PIA gaúcha, o peso da região recuou um pouco, de 10,2% para 9,9%, devido ao comportamento da variável na primeira conjuntura (2003-14), quando o crescimento na RF foi inferior (10,5%, *versus* 13,5% do RS). Entre 2014 e 2017, a RF9 chegou a superar por um décimo a variação gaúcha (2,6% *versus* 2,5%).

Na distribuição setorial do emprego, a estrutura regional mostrava-se, em 2017, muito próxima à do agregado do Estado. Os serviços tiveram uma participação um pouco menor (28,3% *versus* 33,9%) em favor do comércio (25,6% *versus* 21,2%), sem alterar o ordenamento deles. Nos demais setores, as participações coincidiram quase exatamente nos dois recortes territoriais.



A evolução do mercado formal de trabalho da RF9 foi a segunda melhor dentre as RFs, somente superada pela da RF4. Entre 2003 e 2014, o emprego cresceu 69,6%, expressivos 20,1 p.p. a mais do que a taxa do Estado. A perda relativa nos anos recessivos teve metade da intensidade (3,5% *versus* 6,7%), fechando os 15 anos com variação de 63,7%, frente aos 39,5% do RS. Essa superioridade de desempenho foi observada em todos os principais setores, com destaque, pela diferença relativa, para a indústria de transformação (33,8% *versus* 10,8% no cômputo geral do período) e especialmente para a administração pública (58,2% *versus* 12,5%). O crescimento dos SIUP, mesmo que o setor represente apenas 1% do mercado regional, merece menção, por ter atingido 100,1% (19,5% no RS).

A estrutura industrial da região teve no subsetor alimentos e bebidas o principal empregador, com participação crescente (37,9% em 2003, 38,6% em 2014 e 45,4% em 2017). Na fase de aceleração do emprego estadual, os dois únicos subsetores industriais da RF9 que tiveram retração foram os mesmos que decresceram no RS: borracha, fumo e couros e calçados. Em ambos os casos, o enxugamento foi um pouco mais intenso, relativamente, na região. Nesse período, destacaram-se, pelos percentuais, as expansões de metalúrgica (82,2%) e química (134,7%). Já no período 2014-2017, cresceu apenas alimentos e bebidas (7,4%), enquanto química ficou estável (0,1%). Os outros subsetores enfrentaram recuos que chegaram a 42,3% em material de transportes e 32,8% em mecânica.

Tabela 21

Emprego total, em setores selecionados, na Região Funcional 9 do Rio Grande do Sul — 2003, 2014 e 2017

SETORES DO IBGE	NÚMERO DE EMPREGOS			VARIÇÃO %		
	2003	2014	2017	2003-14	2014-17	2003-17
Indústria de transformação	41.437	60.827	55.436	46,8	-8,9	33,8
Comércio	34.380	65.324	62.874	90,0	-3,8	82,9
Serviços	35.597	68.218	69.604	91,6	2,0	95,5
Administração pública	23.973	36.775	37.927	53,4	3,1	58,2
Total	150.228	254.741	245.925	69,6	-3,5	63,7

Fonte: RAIS.

Quando se trata das remunerações médias, a RF9 ficava em sexta posição entre as RFs, em 2014 e em 2017, tendo partido da sétima em 2003. Teve um desempenho, nas variações, moderado: a quarta posição entre as nove, seja nos 11 anos de aceleração da atividade e do emprego, seja no fechamento dos 15 anos analisados. No triênio 2014-17, ela caiu para o sexto lugar. No último ano da série, a remuneração média do empregado formal era de R\$ 2,3 mil, 58,2% superior, em valores deflacionados, à de 2003.

Nos serviços, ela acumulou a mais baixa variação, dentre as regiões, no total do período; obteve um terceiro lugar na IT; no comércio, concluiu os 15 anos na quarta colocação, após ter sido a segunda, no ciclo de dinamismo, já que pulou para a sétima posição no triênio 2014-17.



Tabela 22

Rendimentos médios em 31 de dezembro, a preços de 2017, em setores selecionados, na Região Funcional 9 do Rio Grande do Sul — 2003, 2014 e 2017

SETORES DO IBGE	RENDIMENTOS (R\$)			VARIÇÃO %		
	2003	2014	2017	2003-14	2014-17	2003-17
Indústria de transformação	1.455,01	2.068,75	2.048,47	42,2	-1,0	40,8
Construção civil	1.235,89	1.926,08	1.892,81	55,8	-1,7	53,2
Comércio	1.234,75	1.787,52	1.870,65	44,8	4,7	51,5
Serviços	2.114,95	2.490,95	2.597,96	17,8	4,3	22,8
Agropecuária	1.210,44	1.853,94	2.036,40	53,2	9,8	68,2
Total	1.434,31	2.176,11	2.268,86	51,7	4,3	58,2

Fonte: RAIS.

Fonte: IBGE.

Referências

BRASIL. Secretaria de Trabalho do Ministério da Economia. **Bases Estatísticas RAIS e Caged**. Disponível em: <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/>. Acesso em: 1 jan. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Índice Nacional de Preços ao Consumidor — INPC**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/precos-e-custos/9258-indice-nacional-de-precos-ao-consumidor.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 1 maio 2019.

ZUANAZZI, P., BARTELS, M. **Estimativas para a população flutuante do Litoral Norte do RS**. Porto Alegre: FEE, junho 2016. Relatórios.

